

Faces do Aborto¹

Renata Narciso DE MEDEIROS²

Andreas Reetz MULLER³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho aborda o planejamento, os métodos e objetivos da reportagem “Faces do Aborto”, produzida para a revista ZoomIn, durante o sexto semestre do curso de Jornalismo da ESPM-SUL, na disciplina de Oficina de Redação V – Revista. A matéria jornalística conta quatro casos de abortos e traz detalhes sobre os problemas físicos e psicológicos que o ato causou em cada mulher, mostrando, pelo relato de cada uma, que o aborto não é uma simples alternativa contra a gestação, mas que acarreta uma série de consequências que não podem ser resumidas em aspectos técnicos ou políticos e legais. O interesse humano na abordagem dos casos traz a discussão sobre a legalização do aborto baseado na complexidade de cada história contada na matéria.

PALAVRAS-CHAVE: aborto; ética; jornalismo; reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de o aborto ser considerado crime no Brasil, mais de um milhão de mulheres interrompem a gravidez no país, segundo pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde. Cerca de 20% dos casos acabam em internações em hospitais devido a complicações provocadas pela tentativa de aborto, afirma o mesmo estudo. No Uruguai, país onde a prática foi legalizada em 2012, não há mais mortes por abortos, segundo o governo local.

Diante deste cenário contraditório, no qual nem a ilegalidade impede que brasileiras abortem, a reportagem “Faces do Aborto” mostra mulheres que já interromperam a gravidez clandestinamente, no intuito de relatar o motivo que leva tantas pessoas a praticarem o ato. A reportagem é uma das matérias elaboradas para a revista ZoomIn, produzida pelos alunos do sexto semestre de Jornalismo da ESPM-Sul, de Porto Alegre, na disciplina de Oficina de Redação V - Revista. A publicação é temática e, nesta edição, fala sobre sexualidades.

Com uma linguagem humanizada, o trabalho tem, como matéria-prima, o relato de três mulheres que contaram, em detalhes, quatro casos de aborto. Elas expõem as motivações para o ato, os dilemas sobre o assunto na hora de tomar uma decisão, a dor que

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: renatamedeiros@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: andreas.muller@espm.br.

sentiram no momento em que interromperam a vida do filho e as questões psicológicas que o ato acarretou em suas vidas.

2 OBJETIVO

Numa tentativa de trazer a legalização do aborto no Brasil à discussão, a reportagem “Fases do aborto” aposta no depoimento de mulheres que já interromperam uma gravidez. Ao passar pelo momento de decisão sobre o futuro da gestação, elas têm propriedade para relatar aspectos que fogem da alçada médica, religiosa, política e social na qual o tema é mais frequentemente discutido pelos grandes veículos.

Além disso, a reportagem tem o objetivo de mostrar a realidade do aborto clandestino no país. Há clínicas limpas e bem apresentadas que chegam a cobrar, em Porto Alegre, R\$ 6 mil por um procedimento simples, seguro e indolor. Quem não tem condições para arcar com este valor, no entanto, sofre com técnicas perigosas de raspagens uterinas caseiras ou remédios contraindicados para gestantes e que induzem contrações, expelindo o feto antecipadamente.

Como o tema é pouco explorado na mídia convencional, também há a intenção de mostrar realidade que nem todas as pessoas conhecem, o que, provavelmente, faça com que o aborto seja considerado um tabu na sociedade brasileira. Por isso, há a importância de aprofundar a abordagem no tema.

É normalmente nos meios impressos e, especialmente, nas revistas – por sua periodicidade –, que os jornalistas podem desempenhar essa função de ir mais a fundo. É por isso que o tempo presente da reportagem não é o mesmo da notícia. A notícia é a rotina do repórter, é a instantaneidade – principalmente dos meios mais ágeis – que faz, muitas vezes, o público identificar acontecimento e relato como algo único, quando, não verdade, não são. Para fazer reportagem, é necessário mais tempo para apuração e pesquisa. (FURTADO, 2013, p. 150)

O tempo disponível para a produção da reportagem foi de dois meses. Visto que é um prazo mais amplo do que o disponibilizado diariamente para repórteres realizarem abordagens factuais sobre os acontecimentos cotidianos, a reportagem abordou com profundidade o aborto no Brasil sob a ótica de mulheres que já se envolveram com a prática.

3 JUSTIFICATIVA

Mesmo com a prática do aborto sendo considerada ilegal no país, impressiona o número de mulheres que abortam e, também, que morrem ou são internadas por complicações originadas pelo aborto. Tendo este cenário em vista, é necessário apresentar à sociedade uma visão mais profunda sobre o tema, que ainda é considerado um tabu.

A partir daí, a necessidade de contar profundamente como e em quais condições ocorrem estes abortos foi identificada, pois o espaço para a grande reportagem está comumente ligado a produções especiais, e nem sempre faz parte das notícias diárias nos veículos de comunicação tradicionais. Numa revista semestral como é a ZoomIn, as matérias não poderiam ser factuais, visto que ficariam ultrapassadas na data de publicação e lançamento da revista.

Os temas de longa duração constituem a base do jornalismo de revista, tornando-o durável e colecionável. Sobrevivem aos interesses circunstanciais e são debatidos e repensados para outros leitores; contudo, não se pode esquecer que o jornalismo trabalha com a atualidade. As revistas precisam encontrar sempre algum fato “novo” para que possam abordar um tema já tão conhecido. (BENETTI, 2013, p. 53)

O “fato novo” ao qual Benetti (2013) se refere, no caso da reportagem “Fases do aborto”, foi a recente legalização do ato no Uruguai, país vizinho ao Brasil. Em julho de 2013, foi ampla a divulgação na imprensa – inclusive em veículos brasileiros – a notícia de que o Uruguai não registrara mortes por aborto desde a legalização do ato. No mês seguinte às publicações, a disciplina de Oficina de Redação V – Revista começou a ser cursada pelos alunos e sucesso do país vizinho na descriminalização, pelo entendimento da turma em reuniões de pauta, levanta o debate sobre o aborto no Brasil, que criminaliza o ato, mas mesmo assim registra milhares de abortos a cada ano.

Além disso, há a importância de trazer uma abordagem que vá além de aspectos técnicos e políticos, visto que o fato envolve milhares de mulheres e não pode ser reduzido apenas a explicações de especialistas. Por fim, é fundamental explorar um tema que é pouco abordado por uma série de motivos, entre eles, a dificuldade de se encontrar mulheres que aceitem falar sobre o assunto, visto que há medo de serem identificadas por terem cometido um crime.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Uma reportagem é caracterizada, segundo Pena (2010, p. 79), “pela capacidade que o texto tem de reconstituir com vigor e realismo um momento particular da História”. Neste sentido, na disciplina Oficina de Redação V – Revista, foi proposto que os alunos elegessem um tema para que todas as reportagens seguissem uma linha pré-definida. Após a escolha do tema “sexualidades”, os estudantes produziram reportagens sobre assuntos que julgaram de importância ser desenvolvidos durante o curso de Jornalismo, no qual o aluno pode exercitar técnicas jornalísticas com o acompanhamento do professor.

Depois da escolha do aborto como tema para a reportagem, a busca pelas fontes se baseou no critério de selecionar o maior número de casos diferentes possíveis. Como o aborto não é, geralmente, tratado com muita naturalidade pelas mulheres que o tiveram, o grande desafio da reportagem se deu na busca pelas entrevistadas.

Numa reportagem bem feita, o repórter deve ouvir fontes de vários tipos para garantir a diversidade de vozes e, dessa forma, oferecer ao leitor pontos de vista contrastantes. Assim, embora os fatos já sejam entregues ao leitor interpretados pelo repórter e pelo editor, amplia-se a livre interpretação de quem lê. O que mais se vê, no entanto, é a presença majoritária de fontes oficiais e de *experts* nas páginas de revistas. Existem muitas vozes que jamais serão ouvidas ou mostradas pelos jornalistas. (FURTADO, 2013, p. 154)

Justamente com o objetivo de dar voz a quem geralmente não é ouvido, a reportagem registrou o depoimento de três mulheres que já abortaram – uma delas também conta o caso de sua melhor amiga, que morreu em decorrência de um aborto mal feito. De acordo com Necchi (2013, p. 162), “o excesso de formalidade no ato pode comprometer a franqueza e o desembaraço do entrevistado”. Por isso, as entrevistas foram feitas de maneira informal, em locais determinados pelas fontes – que variaram entre o local de trabalho, pátio de salão de beleza e praça pública em Porto Alegre.

E, para garantir a diversidade de fontes, as entrevistadas foram selecionadas de modo que cada uma tivesse uma história diferente para contar. No primeiro caso, a história contada é de uma mulher que morreu em decorrência de um aborto. O segundo é de uma que abortou apenas um de seus gêmeos – o outro nasceu e leva à mãe um sentimento de culpa diário. A última história é de uma adolescente que não se arrepende de ter abortado.

Além disso, as técnicas utilizadas para o aborto entre as entrevistas foram as mais diversas: objetos cortantes introduzidos no útero, clínicas clandestinas e remédios com uso proibidos para gestantes – o que também pesou no momento de selecionar as histórias a serem contadas. Para contextualizar o assunto, uma pesquisa prévia feita sobre a situação no

Brasil e no Uruguai foi utilizada como base para a produção de um texto de introdução às quatro histórias que seriam contadas no decorrer da reportagem.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Depois da escolha do tema, o próximo passo foi a definição das fontes. Uma tarefa não muito fácil, visto que as mulheres têm receio de serem identificadas, já que o aborto é considerado crime no Brasil.

O anonimato foi garantido, visto que a intenção da matéria não era expor as mulheres, e sim suas histórias sobre aborto. Do mesmo modo, as fotos foram feitas de maneira a preservar cada identidade, pois, de acordo com o artigo 5º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, “é direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte” e, conforme o artigo 6º, inciso VIII, “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”.

Na opinião do autor e de vários outros profissionais liberais e comentaristas muito mais experientes, o jornalista tem o direito moral de proteger a fonte de sua informação caso tenha se comprometido a fazer isso; do contrário, revelar a fonte pode causar grandes dificuldades a essa pessoa em sua vida particular e profissional, causando até mesmo sua prisão em decorrência de um processo penal. (RUDIN, 2008, p. 312)

Depois de fazer um levantamento sobre as possíveis entrevistadas, as fontes foram selecionadas para que a reportagem apresentasse a maior diversidade de relatos. A primeira entrevistada foi Luciana, mulher que criou os dois filhos que Tita deixou quando morreu em decorrência de um aborto mal feito em casa. Depois disso, Luciana também abortou: ela não tinha condições financeiras de assumir seu próprio filho, pois tinha os da amiga para cuidar.

O segundo relato é o de Sophia. Jovem, ela não teve coragem de assumir a gravidez aos amigos e à família. Abortou ao tomar diversos comprimidos de um remédio muito utilizado como método abortivo, pois é contraindicado para gestantes e antecipa as contrações para o expelimento do feto.

A última história é a de Débora. Apesar de julgar sua história com um final feliz, ela se culpa até hoje por ter tentado abortar 20 anos atrás. A mulher estava grávida de gêmeos e só um deles morreu na tentativa de interromper a gestação. Um dos filhos sobreviveu, o que a consola do fato de ter tirado a vida do outro.

Após a realização das entrevistas, deu-se início à redação do texto, que se preocupou em relatar com fidelidade as experiências de cada entrevistada. A reportagem foi escrita com uma linguagem humanizada, para transportar o leitor até a história contada.

Em outras palavras, a história de interesse humano oferece uma releitura de um acontecimento a partir de detalhes que possam suscitar a emoção do leitor, os quais são costurados numa narrativa bem elaborada; já a história colorida tem como tônica a descrição dos cenários onde os fatos ocorrem, suas cores e sensações percebidas pelo repórter. Por isso mesmo, ambos os formatos exigem que o jornalista vá a campo fazer sua apuração. (ASSIS, 2010, p. 151)

Deste modo, pode-se chegar à conclusão de que a reportagem “FACES DO ABORTO” se enquadra no gênero diversional pela linguagem e recursos linguísticos utilizados, como a descrição da reação das entrevistadas e nos detalhamentos de cada história. Segundo Rudin (2008, p. 59), numa reportagem “o estilo de escrita deve refletir a natureza do assunto e do leitor, porém deve ser coerente, fluir livremente em uma progressão lógica que leve o leitor a vários pontos da narrativa”, o que reforça que este tipo de linguagem deveria ser utilizado na redação da reportagem.

6 CONSIDERAÇÕES

O grande desafio na realização da reportagem “FACES DO ABORTO” foi a busca pelas fontes. A aluna fez diversos contatos para chegar às entrevistadas, que, no início, tinham receio em falar sobre um tema tão delicado em suas vidas.

Encontradas as fontes, a segunda etapa deste desafio estava no relato dos fatos – isto é, convencer as mulheres a relatar detalhes de seus respectivos abortos. O objetivo de redigir a reportagem com fidelidade aos depoimentos sem utilizar métodos sensacionalistas foi alcançado.

O principal objetivo deste trabalho foi mostrar as dificuldades sofridas por mulheres que querem abortar e tratar de um assunto que carece atenção nos meios tradicionais enquanto reportagens e no poder público enquanto um problema de saúde pública. São consequências físicas e psicológicas às quais as mulheres se expõem que podem, como foi visto em um dos casos, até matar.

Além disso, foi concluído, pela reportagem, que há a possibilidade de abortar sem correr riscos com métodos perigosos, mas o preço a se pagar é muito caro: cerca de R\$ 6 mil em uma clínica clandestina em Porto Alegre que conta com acompanhamento médico

completo. Ou seja: o que normalmente determina as dificuldades no procedimento é a condição financeira da mulher que pretende interromper a gravidez.

Ao apresentar um tema com base em ângulos pouco abordados, o jornalismo contribui para a construção de novos olhares acerca de assuntos que possam parecer tabus já consolidados. Neste sentido, a reportagem “Fases do aborto” procurou desmistificar o assunto, mostrando que não pode ser simplificado sem antes se ter o conhecimento das dificuldades de quem já optou pela interrupção de uma gravidez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Francisco de. **Gênero Diversional**. MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BENETTI, Marcia. **Revista e jornalismo: conceitos e particularidades**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FURTADO, Thais. **O aprofundamento como caminho da reportagem de revista**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

NECCHI, Vitor. **Entrevista em revista: a eternização do diálogo e a percepção do mundo traduzida em respostas**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.

RUDIN, Richard. **Introdução ao jornalismo: técnicas essenciais e conhecimentos básicos**. São Paulo: Roca, 2008.

WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico: redação, reportagem e produção**. São Paulo: Roca, 2008.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Vitória, 2007 <disponível em: <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>>. Acesso em: 01/04/2014.